

AS INTUIÇÕES FUNDAMENTAIS DE DESCARTES.*

– Em homenagem ao 4º Centenário de Descartes –

*Inácio Strieder***

Desde os tempos modernos a filosofia e a matemática muito devem a Descartes. Ainda hoje as suas intuições matemático-filosóficas causam admiração aos estudiosos. Descartes, embora justamente criticado por seu exagerado racionalismo mecanicista, contudo legou uma lição fundamental aos homens de todos os tempos: estudar o grande “livro do mundo”, onde estamos inseridos. Apaixonadamente buscou idéias claras e distintas, e acreditou que as leis da física e da matemática o aproximariam da verdade. Em Descartes a razão encontrava-se constantemente em tensão para a verdade, por isto as suas intuições ainda hoje encantam, embora nem sempre ofereçam a última formulação da problemática em questão.

Introdução.

Não é de estranhar que justamente matemáticos se interessem por uma certeza absoluta na área da vida e do saber. Acostumados às mais altas exigências da certeza, não poderiam deixar de se fascinar pelas possibilidades de uma evidência independente da experiência pessoal, que a matemática oferece.

* Texto-base para diálogo com matemáticos e cientistas.

** Inácio Strieder é Professor do Mestrado em Filosofia da UFPE.

Para além das operações puramente numéricas será que não seria possível estabelecer na vida concreta a mesma certeza, com método quase-matemático, superando as dúvidas na opinião particular e pública?

A certeza da matemática, que exclui qualquer dúvida, se tornou nos tempos modernos a aspiração dos filósofos. Com este novo ideal do conhecimento se inicia uma nova era. A era dos cálculos, da experimentação e do método. A era moderna.

O ideal da certeza matemática.

Ninguém encarna melhor o ideal moderno da incondicionada certeza matemático-filosófica do que o fundador da “geometria analítica” e da filosofia moderna: RENÉ DESCARTES (1596-1650), no latim: CARTESIUS. Este nome se tornou sinônimo do pensamento geometricamente claro. Contudo, sua pessoa, como pessoa e filósofo, permaneceu um mistério. Ainda hoje se pergunta se Descartes foi primeiramente físico ou metafísico; bom cristão, ou racionalista “cartesiano”; apologeta da fé, ou iniciador da descrença moderna?

Necessidade de um método exato.

Descartes foi estudante modelo do colégio dos padres jesuítas de La Flèche, na França. Aos 54 anos de idade morreu de pneumonia, quando aceitara filosofar junto à rainha da Suécia às 5 horas da madrugada, no inverno gelado de Estocolmo.

Desde o início de seus estudos em La Flèche, na mesma proporção com que se sentia distante da filosofia escolástico-aristotélica, Descartes sentia-se atraído pela matemática, por causa da certeza e da evidência de suas demonstrações. Dizia que a filosofia (a escolástica), cada vez mais superada em sua física (visão do mundo) pelas

demonstrações de Copérnico, Kepler e Galileu, não podia ser verdadeira.

Descartes justifica o seu afastamento da tradição no início do “Discurso sobre o Método”, que inicialmente deveria ter o título: “Sobre o método do uso adequado da razão e da pesquisa científica”. Este “Discurso” foi publicado, em francês, como anexo a uma proposta experimental de uma geometria analítica e de uma ótica geométrica. Inicialmente o “Discurso sobre o Método” não provocou muito impacto, mas desde logo contribuiu para que o latim deixasse de ser a língua exclusiva dos homens cultos. Com este “Método” Descartes apresenta os caminhos que seguiu, mostrando a sua vida como numa pintura, a fim de que cada um pudesse julgar a respeito. Por isto este “Discurso” continua sendo até hoje um desafio aos sábios, e os leva a questionar a relação entre fé, ciência e certeza; entre teologia, filosofia e ciências naturais.

Ao final de seus estudos secundários, Descartes, admirador de Galileu, descobriu-se envolto em tantas dúvidas e equívocos que, por algum tempo, abandonou os estudos científicos. Diferentemente dos estudiosos de gabinete, decidiu-se não procurar outro conhecimento, a não ser aquele que pudesse encontrar nele mesmo, ou no grande “livro do mundo”. Por isto gastou o resto de sua juventude em viajar e conhecer palácios e exércitos; em conviver com pessoas de diversos temperamentos e profissões. Reuniu múltiplas experiências, colocando-se a si mesmo em prova nos encontros a que o acaso o levou. Meditava sobre tudo com que se confrontava, para tirar algum proveito.

Assim DESCARTES substituiu os livros do homem medieval: a Bíblia e a Natureza, pelos “livros” do Mundo e do próprio EU. Conseguiu ainda uma licenciatura em Direito, mas de resto “leu” principalmente o “grande livro do Mundo”.

Primeiramente em Paris: como cavalheiro financeiramente independente, como dançarino, lutador de

esgrima, jogador, esportista hípico, continuava preocupado com os problemas matemáticos e filosóficos. Realizou então uma série de viagens à Holanda, Alemanha, Áustria e Hungria. Incorporou-se voluntariamente, como oficial, sem soldo, às tropas do Príncipe de Orange, na Holanda, e, posteriormente, às tropas do Duque da Baviera. Enquanto no exército, agiu mais como espectador do que como “ator”. Amava especialmente as noites tranqüilas dos aquartelamentos de inverno. Nestas noites tinha bastante tempo para pensar.

Numa destas noites, num aquartelamento em Ulm, às margens do Danúbio, a 10 de novembro de 1619, Descartes teve uma experiência singular. Numa noite de exaltação espiritual e vivos sonhos proféticos, Descartes resolveu mudar radicalmente a sua vida. Segundo o próprio Descartes, nesta noite, aos 23 anos de idade, foi iluminado do alto e teve uma admirável intuição, que se tornou a idéia-mestra de todo o seu futuro trabalho: a revelação de uma “ciência admirável”. Concebeu assim a idéia de uma nova ciência universal, que com a ajuda do método matemático-geométrico seria capaz de estabelecer clara e distintamente as leis da natureza e do espírito; as leis da física e da metafísica.

De fato, esta postura de Descartes gerou uma nova era em que a matemática e as ciências naturais adquiriram funções totalmente novas. Os novos encaminhamentos científicos de Copérnico, Kepler e Galileu exigiam uma sistematização mais ampla e segura no nível matemático, que englobasse uma filosofia da natureza e uma filosofia do espírito.

A vivência que Descartes experimentou às margens do Danúbio o atingiu de tal forma que, naquela mesma noite, fez uma promessa de ir em peregrinação ao Santuário de Nossa Senhora de Loreto, na Itália. De fato cumpriu esta promessa, após sair do exército. Aproveitou esta viagem de peregrinação para visitar a metade da Europa. De volta, fixou-se em Paris.

Em 1627 Descartes resolveu, pela primeira vez, entrar na discussão filosófica. No decorrer de uma conferência do Sr. de Chandoux, diante do Núncio Apostólico, expôs os princípios de uma nova filosofia que, segundo ele, conduziria a um conhecimento mais seguro e certo.

O Cardeal de Bérulle, simpático às idéias de Galileu, presente na conferência, confiou em Descartes e o encarregou de se dedicar a esta nova filosofia. Também a fé cristã necessitava de novos fundamentos, de nova legitimação filosófica e, talvez, de um novo Aristóteles.

Neste gesto do Cardeal Bérulle se encontra a raiz de uma possível aliança entre a nova ciência matemático-mecanicista, com sua correspondente filosofia racionalista, e uma nova teologia espiritual. Tanto Descartes, como o Cardeal Bérulle, eram contra a teologia escolástica abstrata e a mística renascentista, que girava ao redor da natureza. Assim Descartes se tornou o primeiro pensador moderno que caracterizou definitivamente a consciência dos tempos modernos, contrariamente à filosofia mística da Renascença.

Em 1628, Descartes publicou as “Regras para dirigir o espírito”. Eis o conteúdo de algumas destas regras:

1ª Regra: O objetivo dos estudos científicos deve ser dirigir o espírito, para que seja capaz de emitir opiniões sólidas e verdadeiras a respeito de tudo com que a pessoa se confrontar.

2ª Regra: Somente se ocupar com aqueles assuntos, em relação aos quais nosso espírito seja capaz de obter conhecimentos certos e indubitáveis.

3ª Regra: Não perguntar o que outros pensaram sobre os assuntos escolhidos para serem estudados, ou nos fixarmos em nossas suposições, mas investigar sobre o que nós podemos verificar de forma clara e evidente, ou deduzir com certeza; pois somente isto é ciência.

4ª Regra: Para a pesquisa da verdade é necessário um método.

Da regra 4-21 há especificações deste método proposto por Descartes. Esta metodologia conduz o espírito cada vez mais intensamente para o âmbito das operações matemático-geométricas. Nestas regras, portanto, Descartes não toma como base a metafísica, mas se conduz, segundo ele, por um método matemático, original e inquestionável, que será válido para todas as áreas científicas, superando todos os preconceitos e os costumes, desobstruindo tudo que pudesse dificultar a evidência.

Este método matemático-geométrico deveria ser transposto também para a filosofia. Do contrário ela não sairia da escuridão para a luz, da insegurança de opiniões desconstruídas para a clareza, a evidência e a certeza. Para Descartes, somente a matemática garante aquela clara e segura demonstração que, de grandezas conhecidas, deduz para grandezas desconhecidas; que, de causas fáceis e constatáveis, conclui para soluções difíceis e complexas.

Descartes encontrou, portanto, na matemática, especificamente na geometria, as idéias-chaves para sua filosofia, que desde os tempos modernos avalia a realidade a partir do esquema técnico-matemático.

A intuição de Descartes indicava que unicamente a razão era capaz de gerar certeza. Utilizando plenamente a capacidade racional, os homens poderiam chegar a um nível de verdade mais elevado, que se manifestasse, numa evidência sem dúvidas e sem erros, em conceitos clara e distintamente delimitados; em um conhecimento não mais baseado na incerteza das percepções sensoriais, nem na imaginação, nem em autoridades.

A proposta metodológica de Descartes abriria a passagem para a razão, partindo de grandezas conhecidas para as desconhecidas; de realidades menos complexas para as mais complexas. Utilizando este método, a razão descobriria na natureza, analogicamente, a mesma ordem da matemática.

Descartes intui aqui uma das características mais profundas das ciências modernas: a redução de todas as ciências à matemática. O “espírito” do método matemático deveria ser transposto para todas as outras ciências. Assim procedendo chegar-se-ia à verdade, pois, segundo Descartes, o que eu conheço clara e distintamente também é verdadeiro. Por isto o objetivo de qualquer atividade intelectual, tanto na filosofia como nas ciências naturais, deveria ser a formação de “idéias claras e distintas”.

O indivíduo auto-consciente.

Já era um sonho dos pitagóricos (séc. VI a.C.) encontrar no universo toda a harmoniosa ordem dos números. A ousadia revolucionária de Descartes quer muito mais: a partir da liberdade do espírito humano, Descartes pretende determinar o que o homem de fato é capaz de conhecer e a que opiniões verdadeiras, realmente fundamentadas, é capaz de chegar, sem recorrer ao que outros já haviam dito em escolas filosóficas ou teológicas, ou repetindo opiniões de autoridades civis e eclesiásticas. Nada se deveria interpor entre o sujeito e o objeto. A busca da certeza e da verdade deveria ser feita com o espírito totalmente livre. Inicia-se assim a luta pela liberdade de pesquisa.

A proposta de Descartes tenta fundamentar, de forma nova e radical, tanto a filosofia como o conhecimento humano em geral. A formação de idéias claras e distintas, e a busca da verdade, é uma tarefa do indivíduo. Descartes transforma o método para superar as próprias dúvidas em método científico para todos os pesquisadores. Diante de suas dúvidas quanto às opiniões diversificadas entre os homens cultos e quanto à moral e os costumes dos povos, Descartes intuiu que deveria tentar conduzir-se a si mesmo sozinho. O próprio indivíduo deveria modelar a sua vida a partir de uma responsabilidade pessoal, ao máximo segura e racional. A partir disto, podemos dizer que as

reflexões científicas de Descartes, em última análise, possuem um objetivo prático; não buscam o conhecimento pelo conhecimento. Volta-se contra as especulações estereis de uma filosofia medieval, e busca resultados racionais frutuossos para a vida da humanidade e do indivíduo. Para Descartes o objetivo máximo da atividade racional não é a teoria, e sim uma praxis capaz de tornar o homem mais sábio e mais capaz.

Somente depois de ter pesquisado o mundo através de experiências práticas, conhecendo povos, homens, grandes acontecimentos, Descartes se volta para a pesquisa do próprio EU.

Sozinho e solitário.

Segundo Descartes, construções feitas por apenas um arquiteto são geralmente mais bonitas e harmoniosas do que aquelas em que se aproveitam muros construídos para outros fins. Por isto considera que o conhecimento testado por ele mesmo é melhor do que a aceitação dos ideais alheios.

Depois das viagens feitas, Descartes durante algum tempo leu pouco, distanciou-se da história e das tradições. Queria iniciar algo totalmente novo. Conscientemente procurou desfazer-se de suas convicções anteriores, para substituí-las por melhores, quando as tivesse testado com a própria razão. Queria, dali para frente, aceitar somente aquilo que reconhecesse de forma evidente que fosse verdadeiro. Para isto julgou necessária uma ruptura radical com o passado, com Aristóteles e Tomás de Aquino. Somente assim se considerava apto a julgar apenas aquilo que se apresentasse ao seu pensamento de forma tão clara e distinta, a ponto de eliminar qualquer dúvida.

Com este posicionamento, Descartes rejeita a autoridade como critério da verdade. Previu que isto lhe poderia trazer conflitos com as autoridades civis e eclesiásticas. Por isto abandona Paris. Segundo ele, o ar de Paris era mais propício a

produzir “fantasmas cerebrais” do que verdadeiros pensamentos filosóficos. Mudou-se para a Holanda herética, onde pensava encontrar mais liberdade de pensamento. Mas, mesmo lá, trocou diversas vezes de residência, e indicava endereços falsos, para fugir das pressões políticas e conseguir se dedicar totalmente às ciências. Residiu na Holanda por mais de 20 anos. Teve uma filha de sua companheira doméstica. A filha lhe faleceu aos cinco anos, o que o abalou profundamente. No decorrer destes 20 anos viajou três vezes para a França. De resto, neste período, dedicava-se, geralmente, da manhã à noite à pesquisa de problemas da matemática, da física, da fisiologia e da filosofia, mantendo uma ampla correspondência. Preocupou-se também com problemas técnicos como: a fabricação de óculos, de cadeiras de rodas, de bombas hidráulicas; interessou-se por tecelagem; pesquisou a possibilidade da cura de cegos e da prolongação da vida. O resultado mais importante que obteve na Holanda foi a aplicação da aritmética moderna e da álgebra à antiga geometria. Com a geometria analítica algebrizada, finalmente os matemáticos tinham em suas mãos um instrumento moderno de trabalho. A álgebra, assim, se tornou a moldura para a formulação de qualquer teorema.

O ideal da certeza matemática.

Nos seus 5 primeiros anos de Holanda, Descartes trabalhou principalmente em resolver problemas da física. Tentou diplomaticamente publicar o seu “Tratado sobre o Mundo, ou sobre a Luz”. Mas, tendo notícia da condenação de Galileu em 1633, preferiu não publicar esta obra. Somente 14 anos após a sua morte esta obra foi publicada. Em 1638, Descartes se referiu à condenação de Galileu numa carta a um amigo, em que escreve: “Isto é usar a Sagrada Escritura de forma inadequada, para fins que o próprio Deus não quis, pois se pretende privar os homens

de conhecimentos que somente pertencem às ciências humanas e nada têm a ver com nossa salvação”.

O “Tratado sobre o Mundo” foi publicado juntamente com o “Tratado sobre o homem e sobre a formação do feto”. No “Tratado sobre o Mundo” Descartes se distancia bastante da visão bíblica do mundo e esclarece a origem do Sol, das estrelas, da Terra e da Luz pela teoria do turbilhão. Finalmente Descartes publica o seu “Discurso sobre o Método”, como apêndice ao tratado sobre a Geometria e a Ótica. O “Discurso sobre o Método”, inicialmente, não causou grande impacto. Talvez por ter sido escrito em francês, pois a língua oficial dos acadêmicos continuava sendo o latim. No princípio Descartes pensara colocar como título desta obra: “Projeto para uma ciência universal, que pretende elevar a nossa natureza à sua mais alta perfeição”.

Contrariamente ao “Discurso sobre o Método”, as suas “Meditações sobre os fundamentos da Filosofia”, publicadas em 1641, em latim, provocaram violenta reação. Neste escrito Descartes, como físico e metafísico, com a ajuda de seu método, pretende resolver definitivamente o problema do Ser de Deus e da essência da alma humana.

Esta reação de filósofos e teólogos tradicionais, tanto católicos como protestantes, contribuiu para que a filosofia de Descartes se divulgasse e se impusesse cada vez mais.

Baseado neste debate, Descartes publica os “Princípios da Filosofia”, que redige em forma didática para uso nas escolas.

Antes de se transferir para a Suécia, a convite da Rainha, publica ainda o livro “Sobre as paixões da alma”.

Na Holanda, Descartes havia sido acusado de ateísmo, pelagianismo e ceticismo. Escapou da prisão e da queima oficial de seus livros por causa da proteção de amigos poderosos. O próprio Descartes alega em sua defesa que o seu objetivo não era propor o ceticismo, mas defender-se dos céticos, que duvidam por duvidar. Contrariamente a estes o seu objetivo

era a busca da certeza, que o livrasse da terra solta e da areia das afirmações tradicionais, e se pudesse fundamentar em rocha segura.

A incerteza da razão.

Como porém encontrar a rocha segura em que se fundamentar?

Em suas meditações, Descartes afirma que durante a juventude aprendeu muitas coisas erradas, e que tudo que havia construído sobre estes erros se tornara muito duvidoso, por isto decidira submeter tudo que aprendera a novas provas. Num primeiro momento, se tornara necessário derrubar todos os argumentos que sustentavam o arcabouço do saber tradicional. Isto lhe possibilitaria construir um edifício inabalável, fundamentado nas ciências.

O primeiro passo, portanto, era duvidar de tudo. A partir desta dúvida metódica poderia ter a esperança de chegar a conhecimentos sólidos, superando toda perplexidade. Descartes mostra que podia duvidar praticamente de tudo, principalmente do que se afirmava a respeito do mundo material. Para provar a sua constatação, faz várias considerações.

1ª Consideração: As impressões sensitivas não são confiáveis. Os sentidos, muitas vezes, nos enganam. Nunca devemos confiar totalmente neles. A certeza em relação ao mundo exterior é, por si mesma, duvidosa.

Contra-pergunta: Será que esta dúvida atinge também a mim mesmo? Ao meu EU?

2ª Consideração: Não existe uma distinção absolutamente certa e segura entre o estado de sonho e de vigília. O que vivenciamos acordados também podemos vivenciar sonhando. O fato de eu agora estar

aqui sentado, com minhas mãos e meu corpo, será que isto não é uma alucinação? Uma ilusão? Portanto, também a minha existência corporal é duvidosa.

Contra-pergunta: Será que esta dúvida também vale para as características naturais dos corpos: a extensão, a quantidade, o tamanho, o número, o lugar e o tempo? Será verdade que $2+3$ sempre são 5, e que o quadrado sempre tem 4 lados?

3ª Consideração: Tudo poderia ser engano. Já que tantas vezes nos enganamos, por que não nos poderíamos enganar sobre aquilo que consideramos absolutamente certo? Portanto, os conceitos gerais e fundamentais sobre a natureza são duvidosos. E as próprias verdades que fundamentam os nossos conhecimentos são duvidosas.

Questão: Uma dúvida tão generalizada é pensável e admissível somente se admitirmos que o próprio Deus, bondoso, leva o homem a isto. Ora, isto é contra a natureza de Deus.

4ª Consideração: Mas, Deus todo bondade poderia ser pura ficção, e quem estivesse agindo no mundo poderia ser um “espírito enganador”, um espírito mau, um gênio maligno, que, embora todo poderoso, também seria enganador, empregando todo o seu cuidado para me ludibriar. Assim, tudo em mim, e fora de mim, seria fruto de sonhos enganadores.

Embora Descartes considerasse esta dúvida sobre o bondoso Deus fictícia e metódica, isto permitiu que ele formulasse a sua “dúvida universal”. Consequentemente, a certeza da existência de Deus se tornou para Descartes a única garantia da própria certeza.

Se a dúvida universal permanecesse, o homem cairia numa desorientação total. Com o uso de sua razão, Descartes busca a saída para esta dúvida universal. Ele vai em busca do “ponto de apoio de Arquimedes”.

O ponto de Arquimedes.

Se sustentarmos a dúvida universal até as últimas conseqüências, como será possível chegar a uma certeza? Numa passagem de suas reflexões sobre este problema Descartes diz: “A contemplação de ontem me levou a dúvidas tão violentas, que não posso mais esquecer-las, e contudo não vejo como solucioná-las. Estou como que diante de uma queda imprevista, mergulhado num redemoinho abismal, tão confuso que não consigo fincar pé em terra firme, nem consigo me elevar à superfície. Mesmo assim não desisto e pretendo sair em busca de um caminho plano. Ontem mesmo iniciei a caminhada, pois estou em dúvidas se esta dúvida não é falsa. Continuarei a buscar até encontrar algo que seja certo, ou que eu possa considerar certa. Arquimedes apenas queria um ponto de apoio para deslocar a terra. Tenho a esperança de encontrar um ponto de apoio, por mínimo que seja, que é certo e inabalável”.

Em dado momento, Descartes intuiu que este ponto de apoio, que fundamentasse todo o saber humano, se encontrava inerente à própria dúvida. Assim considerou que, mesmo que duvidasse de tudo e tudo considerasse falso, contudo uma coisa era certa: que ele, que assim duvidava, deveria ser alguma coisa. E esta era a verdade que nenhum cético poderia derrubar. Se ele pensava, também deveria existir. E a partir deste momento o

“Penso, logo existo” (cogito, ergo sum) se constituiu na primeira verdade da filosofia cartesiana. “Mesmo que Deus me enganasse, contudo permaneceria certo que ‘eu existo’, pois se assim não fosse eu não poderia ser enganado”. Parece que Descartes havia alcançado o seu objetivo: a verdade não se manifestava mais apenas na área da matemática e da geometria, com números abstratos e relações matemáticas, mas na vida concreta, na existência real.

Daqui para frente a verdade básica para a filosofia cartesiana era: “o homem, enquanto duvida, pensa; e se pensa, existe”. O ponto de Arquimedes estava descoberto: o fato da própria existência. O fundamento da certeza já não era somente o pensamento em si. A partir da certeza do “eu existo” Descartes movimenta todos os problemas básicos da filosofia: as reflexões sobre o Eu, sobre Deus e sobre o mundo material. Vejamos rapidamente as bases destes três níveis de problemas.

1. A natureza do EU, ou do espírito humano (a alma). A alma se identifica com o pensamento, a consciência (Descartes não conhece o inconsciente). São próprios do Eu, o ser pensante (res cogitans), o pensar, ao lado do sentir e do querer; semelhantemente como ao mundo físico são próprios a cor, o peso. A essência do mundo físico é a extensão. Por isto ele é “res extensa”.

2. Como, porém, o Eu chega à convicção da existência de Deus?

Para Descartes isto não acontece como nos argumentos sobre a existência de Deus em Tomás de Aquino. Não é a partir do mundo físico que se chega a provar a existência de Deus, mas a partir do próprio EU, através de dois caminhos.

a) Primeiramente a partir do princípio da causa e do efeito. O homem, em sua consciência, se descobre limitado, imperfeito, cheio de dúvidas. No entanto, tem em si a idéia de um ser absolutamente perfeito. Um ser imperfeito não poderia ser o autor causal desta idéia. Portanto, não somos nós os autores da

idéia da existência de Deus, mas é o próprio Deus que imprime esta idéia em nós.

- b) O segundo caminho para provar a existência de Deus é o argumento ontológico. Uma variante do argumento de Santo Anselmo. Segundo Descartes, nós temos a idéia clara e distinta de que Deus é o ser mais perfeito possível, e por isto mesmo também possui a perfeição que é a existência. Portanto, a idéia de Deus como o ser mais perfeito necessariamente inclui a sua existência. Ao mesmo tempo podemos estar certos que não nos enganamos nesta certeza, pois enganar e estar enganado é uma fraqueza, uma imperfeição. E Deus, sendo perfeito, não nos poderia enganar. Assim Descartes descarta a idéia do Deus-ludibriador.
- c) Uma vez provada a existência de Deus, Descartes chega facilmente à certeza a respeito do mundo material. Sendo Deus verdadeiro e bom, o homem pode ter a certeza da existência do mundo material. Um Deus perfeito e bom não haveria de ludibriar a razão humana. Portanto, o que eu reconheço clara e distintamente não é engano e aparência, mas é verdadeiro e existe. Neste raciocínio, Descartes deixa explícito que o espírito humano é essencialmente diferente do mundo material. O EU, a alma, está caracterizado pelo pensamento, enquanto o mundo material está caracterizado pela extensão.

A razão e a fé.

Descartes é um homem que quis começar praticamente tudo de novo. Com ele se inicia a formação e o pensamento dos tempos modernos. A filosofia cartesiana se constituiu num movimento, numa forma de pensamento. Racionalismos, psicologismos e idealismos se reportam a ele. Com Descartes a consciência ocidental deu uma quinada. O lugar da certeza passou de Deus para o homem. Não se passa mais,

como na Idade Média, da certeza da existência de Deus para as certezas pessoais, mas se passa da própria certeza para a certeza de Deus. Esta é uma verdadeira revolução copernicana, não menos importante do que a deslocação da Terra em relação ao Sol. Em vez do teocentrismo agora se tem o antropocentrismo. O homem agora se encontra no centro, apoiado nos próprios pés.

Descartes baseou seu ponto de partida metodológico no homem, no sujeito; na liberdade, na razão e na certeza do próprio homem. Por isto ele foi o primeiro pensador que fundamentou filosoficamente a autonomia das ciências. Tornou-se, assim, o pai da filosofia moderna, o pai do pensamento moderno.

Com Descartes o sujeito se torna anterior ao objeto, a consciência é anterior ao ser, a liberdade pessoal é anterior à ordem cósmica; as questões imanentes têm prioridade sobre as transcendentais. Com ele principia a antropologia moderna, e a teoria do conhecimento adquire status próprio. O método e o ensino das ciências se tornam disciplinas filosóficas.

Descartes não via nenhuma contradição entre sua visão metodológico-racionalista de uma ciência universal e os ensinamentos e as práticas teológicas da Igreja. Para ele, a Filosofia não substituiu a religião. Para Descartes a fé não é um ato do intelecto, mas da vontade que se refere a Deus, embora as bases da fé devam ser filosoficamente fundamentadas.

Descartes, Agostinho e Tomás de Aquino.

Encontramos em Descartes elementos da filosofia platônica, neo-platônica e agostiniana: por exemplo, a questão das idéias inatas, intuitivamente adquiridas por visão direta; a prova da existência de Deus a partir do argumento de que o ser finito não pode ter em si, por força própria, a idéia do infinito; a questão do Eu e da dúvida, que já encontramos em Agostinho,

que afirmava, semelhantemente a Descartes: “se me engano, existo”.

Como se vê, há certas convergências entre o agostinianismo e o cartesianismo. Contudo, não encontramos nos escritos de Descartes provas de que ele tenha lido Agostinho. As divergências entre ele e Agostinho também são notáveis: por exemplo, Agostinho não conhece diferença entre filosofia e teologia; entre fé e razão; entre pensamento e ação, como é o caso em Descartes. De fato, entre Agostinho e Descartes não há apenas uma distância de 1000 anos, mas é um mundo todo que os separa.

Quanto a Tomás de Aquino, Descartes sempre zelou para ter entre os seus poucos livros uma “Summa Theologica”. Realmente se podem identificar em Descartes algumas idéias tiradas de Tomás de Aquino. Por exemplo, a afirmação de que a adesão à fé não é primeiramente uma questão da razão, mas da vontade. Descartes, contudo, sempre buscou uma superação da filosofia escolástica medieval, embora nela, indubitavelmente, se encontrem algumas das raízes para as suas intuições originais.

A realidade dividida.

Para Descartes, o “livro da natureza” está escrito em caracteres matemáticos. A natureza é, por isto, o objeto daquela parte da matemática que se refere aos corpos: a Geometria. O sistema matemático-geométrico-mecanicista se baseava nas descobertas de Copérnico, Kepler e Galileu. O sistema cartesiano, até hoje, determina o conceito de “realidade”. Na Idade Média se perguntava: para que existe tal coisa (finalidade)?; com Descartes se pergunta: como existe tal coisa, de que é feita, a que leis obedece?

Descartes afirma claramente: Este mundo é matéria, e a matéria é algo autônomo. Ela não pode ser misturada com outras forças ou formas imateriais obscuras, como na filosofia

aristotélico-escolástica, ou no panteísmo. A matéria, para Descartes, está estruturada por leis rígidas, leis próprias, quantitativas, e por isto mesmo cognoscíveis matematicamente.

Descartes afirma uma diferenciação entre a realidade quantitativo-espácio-temporal e a realidade anímico-espiritual. A matéria deve ser entendida clara e distintamente como substância extensa, matematicamente determinável. A matéria é outra coisa do que a consciência e o pensamento. A matéria é extensão no espaço. Por isto, para Descartes, não existe espaço vazio, não existe vácuo.

A distinção rígida da realidade entre substância extensa e substância pensante teve enormes conseqüências, em diversas áreas de compreensão do mundo e do homem, vejamos algumas.

a) Para a relação entre o corpo e a alma

Descartes “des-animou” a matéria e “des-materializou” a alma. O corpo humano se torna assim matéria (cognoscível), que consiste em extensão. Portanto, é espaço cheio. O sistema nervoso e circulatório são objetos da mecânica. A vida não é outra coisa do que movimento espacial; o corpo é uma máquina. A alma, por sua vez, deve ser entendida como espírito cognoscível, idêntica à consciência, ao pensamento, ao EU. Ela é objeto da filosofia. Pelo espírito o homem é pensamento, capaz de se distanciar de tudo. Ele é livre. A liberdade do homem, em Descartes, é puramente negativa. Por isto mesmo vazia.

Corpo e alma, em Descartes, são, portanto, absolutamente distintos entre si. O Criador coordenou estas substâncias, formando uma aparente unidade. Mas esta unidade, também para Descartes, permaneceu um enigma.

b) A relação entre sujeito e objeto

O dualismo entre substância pensante e substância extensa tem um significado fundamental para a compreensão da realidade na filosofia moderna. Como se relacionam sujeito e objeto?

O sujeito, como puro pensamento, pode superar os sentidos, isolar-se em relação à experiência e distanciar-se da natureza. Assim se estabelece uma ruptura entre o auto-conhecimento e o conhecimento do mundo, entre a existência e a natureza. Para Descartes, a natureza está desespiritualizada e o espírito está desnaturalizado. Este esquema rígido tem como conseqüência uma alienação entre as ciências naturais e as ciências espirituais (filosóficas). O que possui, inclusive, conseqüências profundas na relação homem-natureza. Talvez uma raiz da falta de respeito do homem moderno pela natureza esteja aí.

c) O progresso das ciências naturais

A separação rígida entre substância extensa e substância pensante possibilitou um progresso extraordinário das ciências físico-matemáticas, ou ciências técnico-naturais. O mundo começou a ser analisado geométrica-naturalisticamente e se impor o que se denominou de “verdade físico-matemática”. Números, álgebra-geometria possibilitaram a determinação da ordem e da relação de medidas no mundo natural. Para esta nova realidade foi fundamental a geometria analítica de Descartes.

Um questionamento.

Hoje a filosofia e a própria matemática crítica se perguntam se o conceito de “verdade matemática” deveria ser formado a partir do conceito de verdade. Será que a verdade é, de fato, tão clara e inquestionável como $2 + 2 = 4$?

Para Descartes, a verdade acontece a partir da dinâmica da relação entre o sujeito e o objeto. Desde Hegel a questão da verdade é geralmente colocada de forma dialética. A interpretação da realidade, sob o ponto de vista dialético, questiona, inclusive, a possibilidade das idéias “claras e distintas”, buscadas por Descartes. Por isto mesmo, diversas correntes filosóficas dos nossos tempos não aceitam mais que o racionalismo cartesiano seja o único caminho na busca de uma verdadeira interpretação do mundo. Entre os próprios matemáticos, por exemplo, CANTOR questiona as verdades inquestionáveis da matemática cartesiana. Por isto alguns matemáticos, chistosamente, disseram que Deus existe porque as verdades matemáticas são inquestionáveis, mas que o diabo existe porque ninguém consegue provar que elas de fato são inquestionáveis.

Conclusão.

Certamente as intuições de Descartes representam uma revolução no pensamento ocidental e possibilitaram um enorme avanço no progresso científico.

A busca de idéias claras e distintas continua uma obrigação do homem racional em todos os níveis de conhecimento. Somente com uma explicitação objetiva do conteúdo dos conceitos é possível a ciência.

Descartes contribuiu também fundamentalmente para o progresso da matemática. Contudo é preciso ter em mente que o sistema racionalista-cartesiano suscita uma problemática

insolúvel para o homem: a reta adequação entre a razão e a existência. O homem chegou hoje a um nível de consciência, talvez devido ao próprio Descartes, em que ele não se sente satisfeito com a interpretação puramente mecanicista do mundo. Talvez, se lêssemos com mais profundidade Descartes, encontraríamos nele mesmo o motivo desta insatisfação com um racionalismo puramente mecanicista. Talvez o próprio Descartes continuasse a duvidar de seu sistema e o considerasse, de alguma forma, provisório, assim como considerou provisório o seu sistema moral.